

Claudia Ribeiro, Marlise Amália Reinehr Dal Forno e Lovois de Andrade Miguel

## **A paisagem na ruralidade brasileira: considerações teórico-metodológicas para uma pesquisa multidisciplinar aplicada**

---

### **Aviso**

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

**revues.org**

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

---

### Referência eletrónica

Claudia Ribeiro, Marlise Amália Reinehr Dal Forno e Lovois de Andrade Miguel, « A paisagem na ruralidade brasileira: considerações teórico-metodológicas para uma pesquisa multidisciplinar aplicada », *Confins* [Online], 23 | 2015, posto online no dia 03 Março 2015, consultado o 20 Março 2015. URL : <http://confins.revues.org/9998> ; DOI : 10.4000/confins.9998

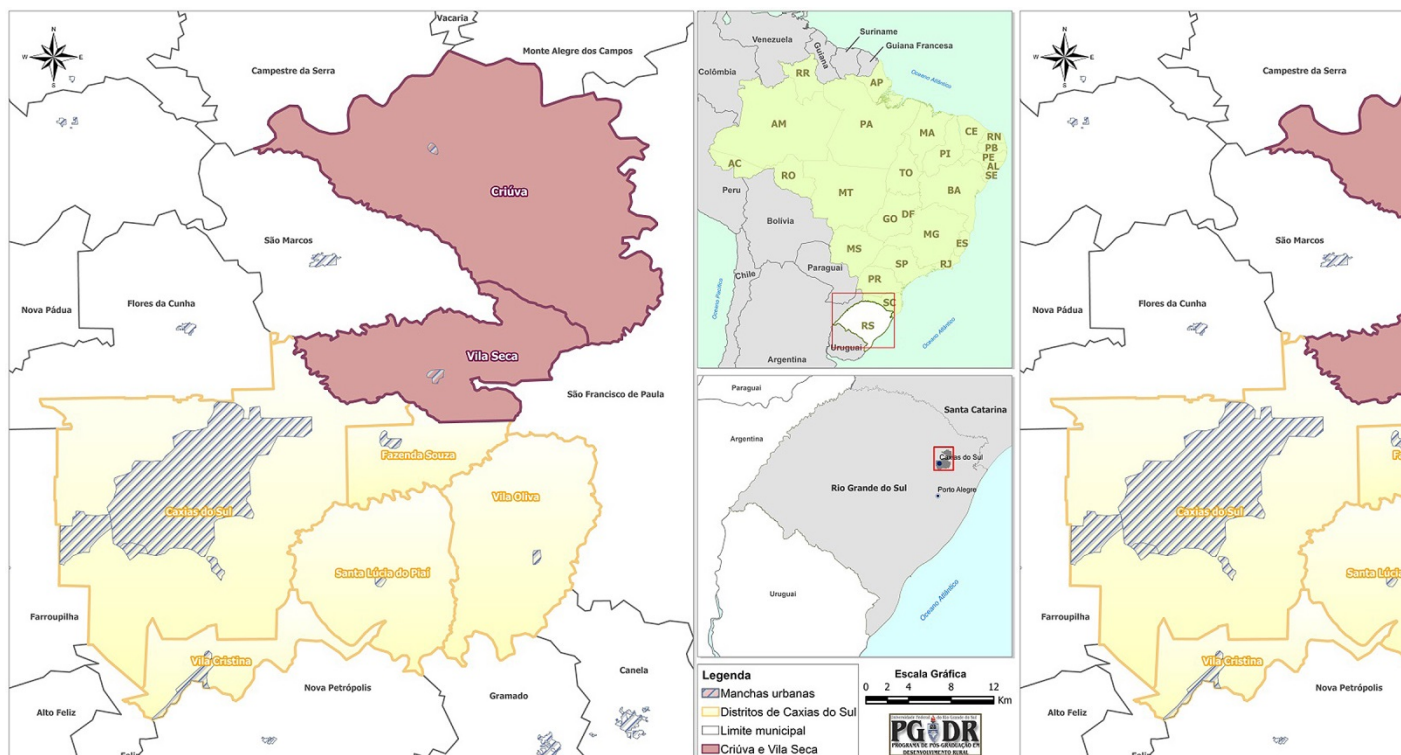
Editor: Théry, Hervé  
<http://confins.revues.org>  
<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:  
<http://confins.revues.org/9998>  
Documento gerado automaticamente no dia 20 Março 2015.  
© Confins

**Claudia Ribeiro, Marlise Amália Reinehr Dal Forno e Lovois de Andrade Miguel**

## **A paisagem na ruralidade brasileira: considerações teórico-metodológicas para uma pesquisa multidisciplinar aplicada**

- 1 Recorrente é a identificação de um cenário na ruralidade contemporânea brasileira, onde a água e a terra, com suas respectivas biodiversidades, motivam conflitos socioambientais entre os seus diversos protagonistas humanos (RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, 2003; SCHATTAN et al., 2005). A pesquisa<sup>1</sup> que embasa este artigo enfrenta o desafio da análise espaçotemporal deste quadro, almejando, sobretudo, escutar a voz dos agricultores do lugar, antes seus habitantes exclusivos e hoje sendo aqueles que enfrentam a complexidade da convivência com as demandas urbanas (RIBEIRO, C., 2014).
- 2 O campo empírico de estudo são os distritos de Vila Seca e Criúva, em Caxias do Sul (Figura 1). Pequenas vilas localizadas no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, são distritos eminentemente rurais, onde vivem 3916 pessoas em área de 624 km<sup>2</sup> (38% da área total do município). Grande polo demográfico, com 465.564 habitantes, Caxias é a segunda maior população municipal do estado do Rio Grande do Sul. A urbe tem hoje apenas 4% de seus habitantes no meio rural e centraliza nacionalmente relevante arranjo produtivo metalmeccânico automotivo, que conforma um dos casos emblemáticos do processo brasileiro de internacionalização produtiva (CORRÊA; LIMA, 2007; IBGE, 2010a; 2010b; ZARDIN PATIAS et al., 2009). O fato é que Caxias do Sul depende do distrito de Vila Seca para o abastecimento de 70% da sua água potável (utilizada para uso doméstico, comercial e industrial). Planejamento, já institucionalizado em seu Plano Diretor, projeta idêntica utilização em Criúva, nos arroios Sepultura e Mulada. Em relevo dobrado, ocorre um mosaico de formações campestres - os Campos de Cima da Serra, com vegetação arbórea de grande porte. No Bioma Mata Atlântica, é a Floresta Ombrófila Mista, com destaque para a presença da araucária (BOLDRINI, 2009; SCHLICK, 2004). Portando paisagens nativas remarcáveis e ainda bem conservadas, esta região igualmente origina parte da discussão emblemática, distante ainda de consenso, sobre o manejo dos campos nativos e da conservação ambiental do Rio Grande do Sul (BEHLING et al., 2009). A agricultura familiar é a atividade produtiva predominante desta área, com destaque para a criação semiextensiva de gado de corte e de leite e para os múltiplos cultivos coloniais.
- 3 A apreensão heurística desse lugar de dinâmica cultural singular faz emergir a questão de pesquisa, exploratória e multidisciplinar, que busca analisar se a sua paisagem - enquanto um processo dinâmico e conectado às atividades agrárias - poderia ser reconhecida por seus habitantes como um bem de uso comum.
- 4 O artigo expõe e discute as reflexões conceituais centrais desta pesquisa acadêmica: a paisagem e a ruralidade. Igualmente explica a conformação metodológica adotada para o estudo de uma abordagem etnográfica guiada pela metodologia dos sistemas agrários e por critérios empíricos relacionados à existência da noção de paisagem. Para tanto, contribui a comunicação sucinta dos resultados obtidos como resposta aos seus dois objetivos específicos: i) prospectar a ruralidade, visando apreender a paisagem do lugar e ii) identificar se esta paisagem pode ser entendida como um bem de uso comum.

**Figura 1 - Localização de Vila Seca e Criúva, o campo empírico de estudos.**

Fonte: elaboração de Claudia Ribeiro, cartografia de Sílvia Aurélio.

## Discussão conceitual

### A ruralidade brasileira

- 5 A visão da ruralidade contemporânea, também na cena brasileira, é demarcada por posicionamentos teóricos bastante distintos. Carneiro (1998) bem os situa. Ela menciona a ocorrência da visão dicotômica rural/urbano, em paralelo à corrente que defende o *continuum*, situação de desaparecimento do rural. Igualmente cita a presença dos posicionamentos que buscam a retomada do rural em conceito de base não generalista. Posicionamentos esses que defendem conformações particulares à cada localidade, com a cultura sendo a ponte entre o rural e o urbano em cada situação.
- 6 Esse embate acadêmico e político é profundamente explorado do ponto de vista sociológico por Maria de Nazareth B. Wanderley (2000a) que defende a existência e a permanência da ruralidade no Brasil, contudo, sob um novo olhar. Para ela, esse mundo rural é um recorte de realidade própria, com suas associadas particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, nele incluindo também as várias maneiras de relacionamento com a sociedade da qual faz parte.
- 7 A partir principalmente de Kayser (1990), Mathieu e Jollivet (1989) e Mendras (1976), Wanderley mantém a importância do recorte campo-cidade. A diferenciação dos dois espaços se encontra nos processos de construção social da ocupação do território e de como esse é entendido como um lugar de vida, com referências identitárias e de cidadania do homem rural, em um panorama de inserção na sociedade como um todo. A distinção fundamental residiria, não mais no que tange exclusivamente ao acesso aos bens materiais e sociais, pois, em alguns casos, certa homogeneidade com relação aos modos de vida e à “paridade social” já teria sido atingida; a distinção está na diferenciação encontrada no contexto das “identificações e das reivindicações na vida cotidiana”, de forma que o “rural” se torna um “ator coletivo”, constituído a partir de uma referência espacial e “inserido num campo ampliado de trocas sociais”. Nesses espaços - físicos sem dúvida, mas também sociais - a autora visualiza o encontro entre o campo e a cidade. O rural e o urbano são, neste caso, vistos relacionando-se reciprocamente, em múltiplos planos: como uma rede, com sua plenitude complexa de convergências e conflitos, mas que possibilita e viabiliza as particularidades em seu interior

(WANDERLEY, 2000a, p. 33 e 47, grifos do original). A autora igualmente escrutina as atuais apresentações dessa ruralidade que contém ou suporta atividades outras que não as agropecuárias, muitas oriundas dos aglomerados urbanos. Entre vários exemplos, ela cita, também, os empreendimentos habitacionais, de turismo e lazer, industriais, de serviços e de seus periféricos e como terreno para a expansão das redes de comunicação e transporte, além de ser depositário de singularidades naturais e/ou culturais de notável valor (WANDERLEY, 2000b). A hipótese de existir um novo rural é igualmente examinada em detalhes e confirmada no trabalho de Favareto (2006) para o caso brasileiro. Dentre outros múltiplos aspectos de sua abrangência, o autor destaca a dimensão ambiental, como igualmente referem Brandão (2007) e Brandenburg (2010). Digno de nota neste quesito é dizer que todos esses autores visitam, de alguma forma, os estudos seminais de Antonio Candido contidos em *Os Parceiros do Rio Bonito*, e que Favareto, além disso, inclui a valorização da paisagem nessa nova abrangência social do rural.

## A paisagem

- 8 A incursão conceitual à paisagem parte da exploração ontológica junto a um aporte clássico e incontornável neste campo: *A Filosofia da Paisagem*, do sociólogo Georg Simmel. Segundo Serrão (2011, p. 39, grifos do original), a articulação entre a natureza e a paisagem, a temporalidade da aparição dessa categoria mental e o exame da coincidência incidental entre as ações de ver “uma paisagem” e a designação de um campo visual como “esta paisagem” são as questões transversais à reflexão seminal do início do século XX. Importante é o elemento unitivo identificado nessa coincidência, proporcionado pela vivência do observador, denominado pelo autor de *Stimmung*. Ainda de acordo a Serrão (2011, p. 40, grifos do original)<sup>2</sup>, esse termo de especial significado simmeliano apresenta polissemia de difícil tradução para as línguas latinas, com três aspectos a ele incidentes: “a conformação singular das partes que dota cada paisagem de um ‘caráter’ individual; a conjugação dos traços anímicos do sujeito numa peculiar ‘disposição’ ou ‘índole’; e, por fim, a fusão de ambas – a vertente objetiva e a vertente subjetiva – numa ‘tonalidade’ ou ‘atmosfera’ únicas”.
- 9 Assim é que Simmel (2011, p. 44) divisa, muito modernamente, a origem das cisões no social e no técnico, no espiritual e no ético, como reflexo do que chama de “a tragédia fundamental do espírito em geral”. Ele vê esse processo estreitamente ligado à condução do processo da cultura, pois, ao mesmo tempo em que fazemos parte de um todo, queremos construir a nossa própria obra, individuada em si-mesma. Relevante aqui é o que ele apresenta como brotando em contraparte desse conflito de dualidades entre a natureza e a cultura: “a riqueza reconciliada da paisagem, que constitui um individual, fechado, pleno de si e não obstante permanecendo vinculado, sem contradição, ao todo da natureza e à sua unidade”.
- 10 A anunciada crise da modernidade motiva o cotejar da reflexão das vertentes profundas de apreensão conceitual da paisagem aos estudos de paisagem contemporaneamente realizados por Augustin Berque – uma vez que tal aspecto é para esse autor basilar. Segundo a observação de Maderuelo (2009, p. 14), dada sua construção que investiga a ecúmena e os meios, esse autor pesquisa não somente a metade ocidental, mas busca no oriente (especialmente no Japão e China) subsídios para compreender a “noção de paisagem” (grifo nosso) em um contexto universal – em aproximação “holista, que pretende a integração do sujeito no mundo”.
- 11 As ideias desenvolvidas pelo geógrafo visitam a filosofia pré-socrática, retrazendo a origem do que denomina paradigma ocidental moderno clássico. Estabelecido no século XVII, tal paradigma funda, em vez da unidade orgânica do mundo ambiente dos meios tradicionais, uma alternância entre as vertentes físicas e fenomênicas da realidade, constelando a atual cisão sujeito-objeto. Na cena europeia, essa situação caracterizou-se pela dupla aparição e seu respectivo desenvolvimento complementar “das ciências da natureza, traduzindo um centramento sobre o objeto e, por outro, da noção de paisagem traduzindo o ponto de vista do sujeito.” (BERQUE, 2011a, p. 188; 193 e 194).
- 12 Dessa forma, é que a paisagem é vista pelo autor com destaque na compreensão da relação da humanidade com a extensão terrestre: a ecúmena, base da discussão que se funda em torno de “uma problemática do mundo ambiente”. Desse ponto, Berque elabora dois outros conceitos

fundamentais para a sua construção teórica – a mediância e a trajeção<sup>3</sup>. A mediância está para o meio como a historicidade para a história, sendo a paisagem um dos três sentidos simultaneamente subjetivos e objetivos do relacionamento (que é um meio) de uma sociedade com a extensão terrestre. Além do “em si das coisas e da natureza” e do nível “das relações ecológicas que ligam a espécie humana ao seu ambiente”, a paisagem é onde “atuam as relações de ordem simbólica, pelas quais uma cultura naturaliza a subjetividade coletiva”. Simultaneamente, no tempo (história) e no espaço (meio) acontece esta conjugação de aspectos, caracterizando o que é então definido pelo autor como trajeção, um movimento de contínua interação entre os mundos objetivos e subjetivos, que compõe uma realidade – trajetiva – dos nossos meios, cujo conjunto constitui a ecúmena (BERQUE, 2011a, p. 188;193 e 194).

- 13 Ressalta ele, no entanto, que a existência dessa noção de paisagem não é unânime em todos os tempos e culturas, sendo mesmo objeto de controvérsias no que tange às suas delimitações teóricas. Nesse sentido, identifica situações como as do mundo romano, que teria somente uma *sensibilidade paisageira*, ou um *pensamento paisageiro* (*pensée paysagère*), mas não o definitivo e caracterizador pensamento da paisagem (*pensée du paysage*) – para cuja identificação seu trabalho teórico finalmente propõe um conjunto de critérios empíricos a serem satisfeitos. Essa realidade (que se pode entender como uma formação híbrida) é uma combinação do universal e do singular, e, por isso, para cada meio, coloca-se a necessidade de seu escrutínio nesses termos. Já que nem a ecologia (objetiva e universal), nem a fenomenologia própria de cada cultura (subjetiva e singular), embora contendo indispensáveis conhecimentos da relação do Homem com a Terra, conseguiriam individualmente abarcar esta realidade mista. A paisagem é esta “medida do mundo ambiente”, oferecendo, segundo o autor, incontestável valor epistêmico e prático para integrar sujeitos e objetos na gestão dos nossos territórios (BERQUE, 2011a, p. 192;194;198, 2011b, p. 200 e 201, *itálicos do original*).

## A metodologia

- 14 Mitchell (2001, p. 276, tradução livre nossa) referenda a escolha metodológica adotada para esta pesquisa. A abordagem etnográfica é aventada pelo autor em trabalho contemporâneo que, entre outros aspectos, analisa as possibilidades de exploração do lugar nos estudos de paisagem. Ao mesmo tempo em que reconhece a dificuldade metodológica de alcançar a maneira pela qual “as paisagens são acolhidas, entendidas e utilizadas pelas pessoas comuns”, o autor sugere que o truque para tentar abarcar esta dimensão da “política de acolhimento e entendimento” da paisagem, seria “ver como as pessoas tecem histórias dentro e fora do lugar, de forma a construir identidades”. O caminho pragmático para o método aqui adotado é encontrado em sua citação de Delyser (1999, p. 604, tradução livre nossa) que argumenta que trabalhos de “arquivo ou baseados em textos” podem ser “proveitosamente suplementados por observação participante e trabalho etnográfico”.
- 15 A possibilidade de utilização da perspectiva do lugar exige atenção ao intenso debate teórico da propriedade ou não de sua utilização enquanto categoria analítica. Doreen Massey (2000, p.181 e 182) vê o lugar de maneira não muito distinta da visão de Milton Santos (2012), com sua existência dialeticamente suportando o global; é dinâmico, com múltiplos significados, dificilmente com uma identidade única e singular, mas provavelmente com conflitos. A autora alerta sobre as armadilhas de sua utilização, com o lugar e a localidade podendo ter leituras que poderiam constituir “focos de escapismo romantizado da atividade real do mundo”, equiparados a “imobilismo e reação”. Arturo Escobar (2005, p. 70 e 71) defende o conceito como de crescente importância para os trabalhos nos temas da intersecção do desenvolvimento, da cultura e do meio ambiente, em contexto epistemológico multidisciplinar. Defende, ainda, sua consideração nas teorias sociais, mas em diálogo com a sua compreensão na geografia e na economia, sendo que suas externadas precauções de utilização ressoam, em certa medida, os alertas de Massey (2000). Nesse campo ainda aqui é relevante expor a dúvida de Escobar quanto ao alcance da etnografia para além das limitações espaciais, ou mesmo como podendo explicar a possibilidade de produção de diferenças em mundo interconectado espacialmente. Wanderley (2001, p. 34 e 37) agrega outros elementos favoráveis à utilização epistêmica da

noção de lugar. Nessa direção, a autora defende a importância do estudo das famílias agrícolas e de seu “lugar” (grifo da autora), em revalorização dos espaços locais, associado ao que chama de patrimônio fundiário familiar, pois as famílias – sendo ou não pluriativas e mesmo tendo seus membros morando em locais diferentes - são vistas pela socióloga como depositárias de uma cultura associada a valores conformadores de pertencimento e identidade territorial, “cuja reprodução é necessária para a dinamização técnico-econômica, ambiental e sociocultural do meio rural”.

- 16 As referências autorais consultadas amparam a escolha enfim feita. Uma vez que a pesquisa em discussão se propõe a estudar uma visão local através de suas especificidades culturais e seu diálogo (ou não) com uma visão mais ligada a um mundo globalizado, decide-se entender o campo empírico de estudos como um lugar. E o procedimento metodológico adotado é a utilização de uma abordagem etnográfica, que se enquadra no que Roberto Cardoso de Oliveira (2006) distingue como monografias modernas, em que se pode atingir uma apreensão holística em torno de um tema priorizado. Justificada pela possibilidade de contribuir-se à compreensão de uma dada visão de mundo, o autor enxerga este fazer em outras ciências sociais para além da antropologia e podendo contribuir ao “estímulo de reflexões de caráter interdisciplinar”.
- 17 Todavia, ressalta-se a busca de uma aproximação metodológica que não meramente obtenha um relato histórico da agricultura ao longo do tempo, mas que, principalmente, consiga identificar e explorar as relações da ruralidade com a paisagem que a abriga. Nesse sentido, procurou-se uma forma de manter evidente na pesquisa o diálogo com as ciências agrárias, obtido através da utilização da teoria dos sistemas agrários. Dessa forma, a tríade das etapas detalhadas pelo antropólogo (ver, ouvir e escrever) é conduzida por categorias de compreensão aportadas pelo estudo dos sistemas agrários e pelos critérios empíricos utilizados para a detecção da noção de paisagem. (BERQUE, 2011b; MAZOYER; ROUDART, 2010; MIGUEL, 2009).

## Os resultados

- 18 Com base no delineamento conceitual-metodológico, realizou-se, no período compreendido entre de dezembro de 2012 e julho de 2013, a observação participante, principalmente do ciclo de louvação da Festa do Divino Espírito Santo de Vila Seca, que acontece interligada às mesmas festividades em Criúva. Também foram acompanhadas a Missa de Reis em Criúva e a Festa do Pinhão em Vila Seca. As figuras e suas respectivas legendas ilustram momentos representativos do trabalho etnográfico neste lugar, verificados em quatro grandes tipos de contatos: os rituais da louvação da festa nos domicílios rurais (Figuras 2, 3 e 4), as ocasiões festivas, as religiosas e os contatos da louvação em instâncias político-institucionais urbanas (Figura 5).
- 19 Noticiam-se os resultados obtidos pela pesquisa, conforme Ribeiro, C. (2014). Sucintamente, uma vez que em sua forma plena eles constituem a narrativa da trajetória da paisagem nos quatro sistemas agrários identificados no lugar - o indígena, sesmeiro, colonial e o contemporâneo, cujas principais características estão resumidas no Quadro 1.
- 20 Examinam-se, à luz dos dados etnograficamente coletados, os critérios empíricos para a detecção da noção da paisagem, como demonstra sinteticamente o Quadro 2. Conclui-se que o berquiano sentimento da paisagem - próximo ao *Stimmung* de Simmel - existe em Vila Seca e Criúva.
- 21 E no sentido de Hess e Ostrom (2007) e Leite (2012), pode-se dizer que sim, a paisagem é um bem comum: porque ela é um recurso (cultural e mutável), compartilhado por pessoas e sujeito a dilemas sociais. Vê-se que as escolhas de vida, bem como o espontâneo e histórico proceder comunitário dos homens e mulheres do lugar aportam as evidências, externadas em autorretratos conscientes e muitos elaborados.

**Quadro 1: Resumo da evolução e diferenciação dos sistemas agrários de Vila Seca e Criúva.**

Sistemas Agrários de Vila Seca e Criúva		Indígena	Sesmeiro	Colonial	Contemporâneo
		10000 AC até 1760	1760 a 1912	1912 a 1980	1980 ao presente
<b>Estrutura Fundiária</b>		Acampamentos de grupos nômades	Sesmarias ao redor de 3000 hectares	Propriedades de 30 a 500 hectares	Propriedades de 2 a 500 hectares
<b>Etnias Habitantes</b>		Kaingang	Portugueses, paulistas, catarinenses	Brasileiros, imigrantes europeus	Caxienses
<b>Mão-de-obra</b>		Comunitária	Familiar, contratada e escrava	Familiar e contratada	Familiar e contratada
<b>Atividades Produtivas</b>	Colônia	Caça e coleta; agricultura incipiente nas várzeas dos rios	Agricultura de subsistência	Policultura colonial	Policultura colonial com integração à agroindústria; silvicultura
	Campo		Gado de corte e leiteiro, mulas e equinos	Gado de corte e leiteiro	Gado de corte e leiteiro; policultura colonial com integração à agroindústria; silvicultura
<b>Técnicas e Ferramentas</b>		Agricultura de queimada Equipamentos manuais	Agricultura de queimada; equipamentos manuais e tração animal leve	Manejo do campo com queimadas; equipamentos manuais e tração animal ou motorizada leve	Manejo do campo com queimadas; melhoramento do campo nativo equipamentos motorizados leves e pesados
<b>Fatores de Transição</b>		Introdução do gado Estabelecimento de sesmarias	Medição de terras devolutas para delimitar novos lotes para os imigrantes	Proibição do corte da araucária, pragas nos cultivos de cereais, fechamento dos moinhos e matadouros coloniais	

Fonte: RIBEIRO, C. (2014).

**Quadro 2: As evidências do sentimento da paisagem em Vila Seca e Criúva.**

Critérios empíricos de verificação do sentimento da paisagem	Síntese das evidências etnográficas em Vila Seca e Criúva
1. Literatura (oral e escrita) que louve a beleza dos lugares.	A descrição de <a href="#">Balduino Rambo</a> e as construções oriundas do lugar: os muitos exemplos de trovas e poesias de vários autores, com emblemática notoriedade alcançada pela produção musical dos <a href="#">Irmãos Bertussi</a> .
2. Uma toponímia indicando a apreciação visual do ambiente.	O 'Rincão Feio' e o 'Rincão das Flores', além dos ' <a href="#">Balauquinhos</a> ', dos muitos nomes de cursos d'água, de morros, de capões de mata, e dos próprios nomes de Vila Seca e <a href="#">Criúva</a> , todos surgindo de características do meio, apreendidas e muitas vezes qualificadas.
3. Jardins de recreio.	A existência atual das praças e ajardinamentos no centro das duas pequenas vilas, além de reminiscência contida na elaborada fotografia de uma das praças em tempos idos.
4. Arquitetura disposta para a fruição de uma bela vista.	Mais que a fruição da vista, encontra-se a fruição do lugar, profunda e historicamente enraizada. Desde os relatos das múltiplas epopeias dos tropeiros; das jornadas dos agricultores e seus animais nas transumâncias inverniais; as pequenas viagens para o lazer com os amigos – a cavalo ou nas carretas, para fazer as serenatas; as cavalgadas e torneios; as múltiplas atividades religiosas. Além desse aspecto maior, existe um mirador construído em <a href="#">Criúva</a> para admirar a vista do vale do rio das Antas e o crescente enaltecimento de cascatas e cânions no lugar.
5. Pinturas representando o ambiente.	Várias pinturas de <a href="#">Pedro Weingaertner</a> , representam ambiente que contém esse lugar, quase sincrônicas às demandas do próprio lugar nesse sentido.
6. Uma ou mais palavras para dizer "paisagem".	O português, a língua do lugar em três dos quatro sistemas agrários, é pródigo em palavras para expressar o sexto critério, a sinonímia de paisagem: os vocábulos "panorama, vista, visão, cenário, perspectiva, quadro e aspecto".
7. Uma reflexão explícita sobre a paisagem.	O desfile da Festa do Pinhão. Além desta esmagadora evidência, <a href="#">Balduino Rambo</a> (1956) e <a href="#">Ângelo Guido</a> (1956) constroem reflexões explícitas sobre a paisagem.

Fonte: BERQUE (2011b); RIBEIRO, C. (2014).

22 Além disso, nesse percurso espaço-temporal (nessa trajetória berquiana), a pesquisa identificou claramente os pequenos agricultores do lugar conformando essa paisagem, em ciclos de destruição, necessários ao cultivo, que, no entanto, não são desprovidos dos cuidados para garantir a permanência da utilização do espaço pelo ser humano: o ajuste ecológico de Candido ainda existe no lugar. Os resultados da pesquisa também permitiram realizar um estudo cartográfico complementar do uso dos solos, em 1871, 1980 e 2011, como mostram o Quadro 3, a partir dos mapas 1, 2 e 3<sup>4</sup>. Uma vez sustado o processo de predação da Floresta Ombrófila Mista (que foi montado pelo urbano), as atividades agrárias seguem seu curso, e a paisagem da ruralidade do lugar se refaz em dinâmica reorganização.

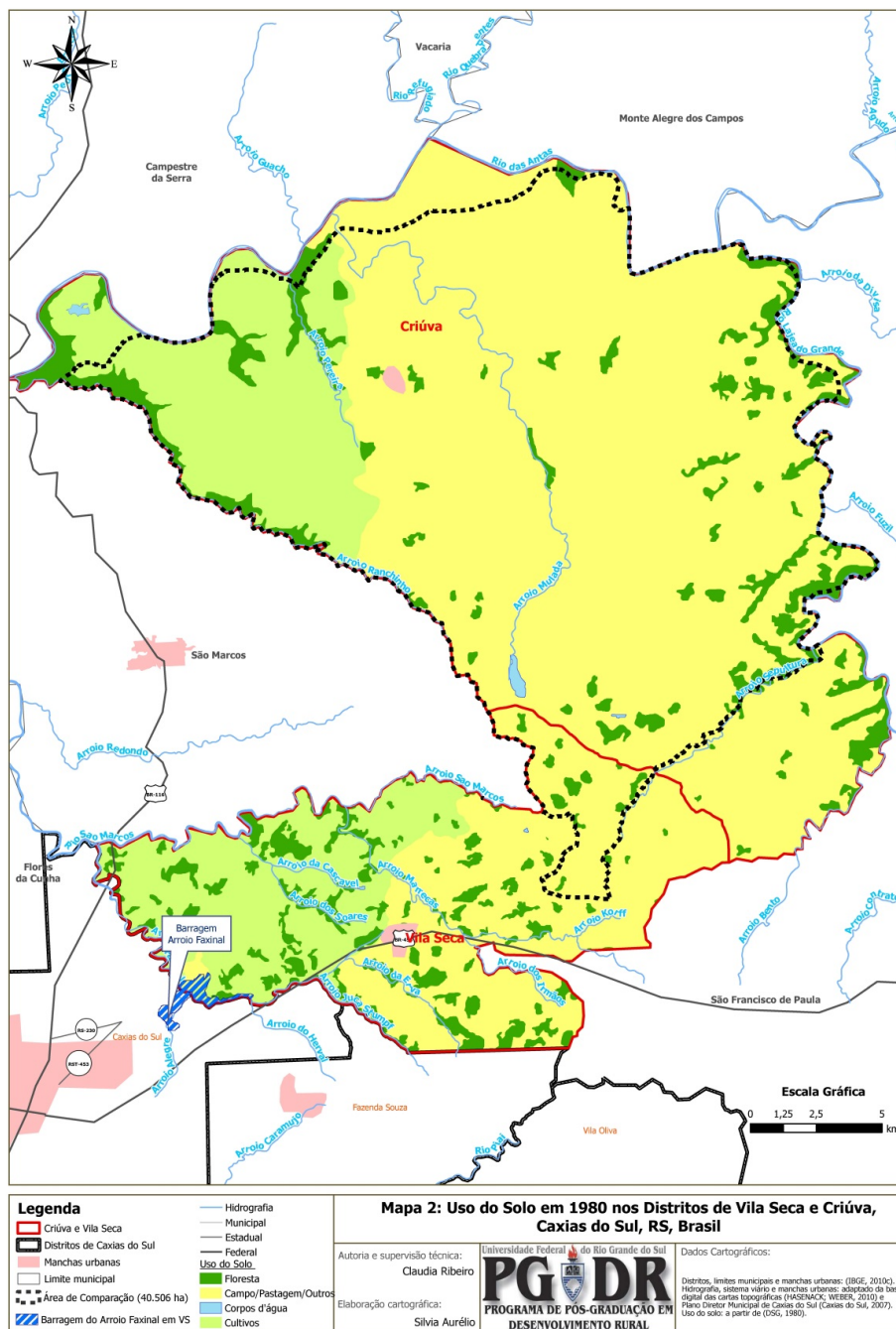
**Quadro 3: Comparativo de usos do solo em Vila Seca e Criúva.**

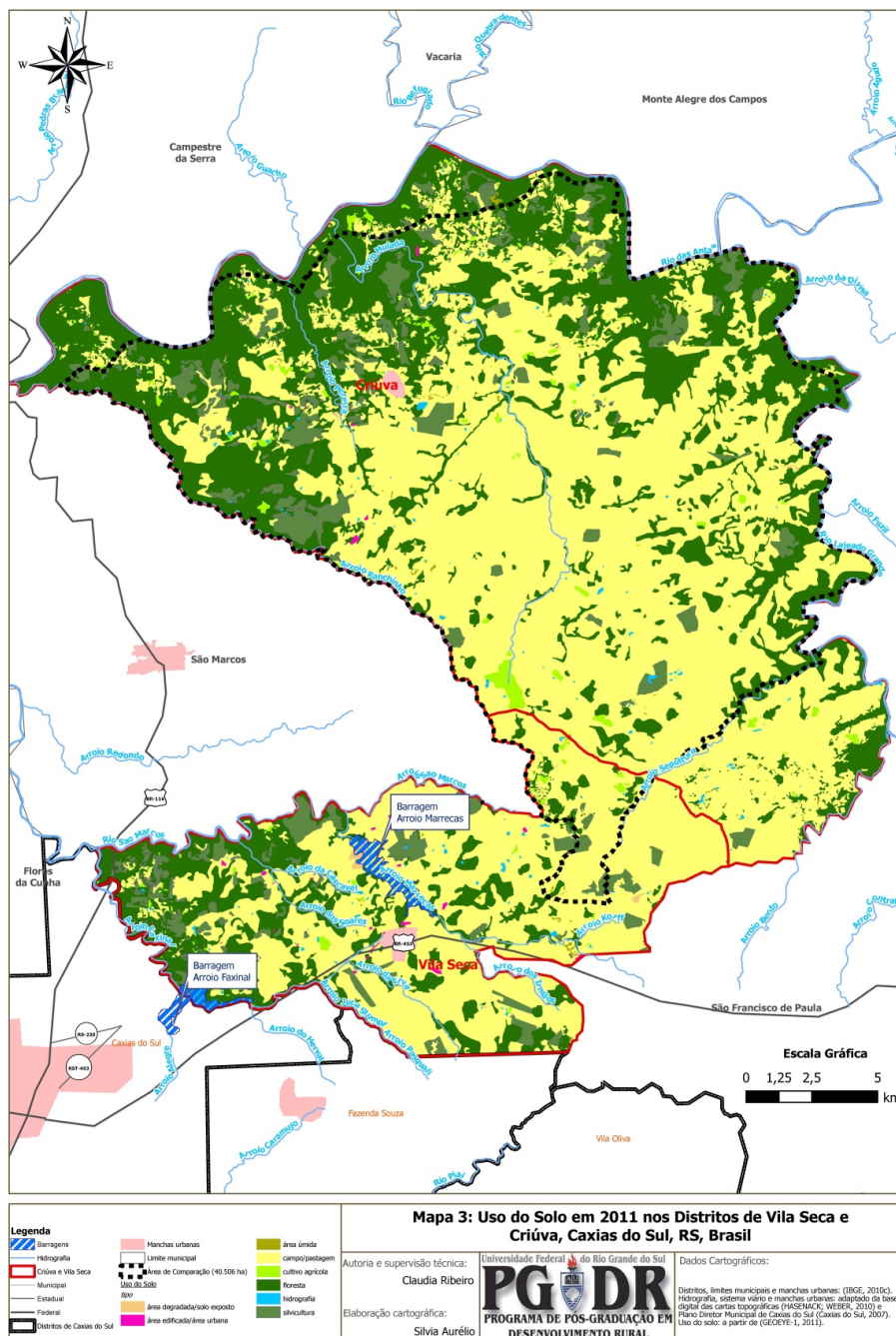
<b>Usos do solo em Vila Seca e Criúva</b> (em mesma área de comparação)	<b>1871</b>		<b>1980</b>		<b>2011</b>	
	Hectares	%	Hectares	%	Hectares	%
<b>Campo</b>	22.495	55,5	31.154	76,9	23.713	58,5
<b>Floresta</b>	18.011	44,5	2.996	7,4	13.485	33,3
<b>Outros usos</b>	0	0	6.356	15,7	3.308	8,2

Fonte: RIBEIRO, C. (2014).









## Considerações Finais

- 23 Entende-se como tendo sido adequada a descrita combinação conceitual-metodológica, que explora a paisagem em um dado campo empírico rural de estudos. A abordagem etnográfica, por intermédio da observação participante em prática festivo-religiosa relevante do lugar pesquisado, possibilitou profunda interação com a ruralidade do lugar. Entretanto, a escolha do que seria observado (uma vez que ali existem outras atividades comunitárias periódicas) foi importante: este tradicional, porém atualizado ciclo festivo-religioso, mantém relevantes e abrangentes coincidências com o viver da ruralidade. Por outro lado, as categorias de atenção aportadas pela teoria dos sistemas agrários e pelos critérios para a identificação empírica da noção de paisagem, fizeram com que o trabalho etnográfico permanecesse arraigado aos objetivos da pesquisa.



- 24 Adicionalmente a isso, há de se registrar que esta pesquisa exploratória tangencia o que já é apregoado há algumas décadas: a complexidade da nova ruralidade brasileira. Contudo, neste caso em discussão, os identificados dilemas e alteridades contidos na ruralidade não impedem que se veja que há muito tempo o lugar reconhece o que Berque traduz como “a temporalidade da natureza e o ritmo do existir”, em viver comunitário. A expressão de hoje para esta paisagem não seria: “que pena, só sobrou isto!”. Em vez disso, pode-se ainda exclamar: “que ótimo, veja o que continua existindo!”. A relação de companheirismo do tropear de outros tempos se reconstrói no caminhar das louvações – que hoje vão até a cidade. Melhor, às cidades: não só englobando Caxias do Sul e seus arredores, mas incluindo Porto Alegre e alcançando mesmo o ultramar açoriano. Em última instância, o que se divisou não foi uma tradição estagnada, um lugar perdido e isolado no tempo, mas a paisagem reconhecida como um bem de uso comum, conservada em sua dinâmica e complexa inteireza, buscando relação de convívio com o global no qual sabe estar inserida. (grifos nossos).
- 25 A constatação da pesquisa é alentadora, no sentido da possibilidade da utilização da noção de paisagem como base de acordo socioambiental no território que corresponde a este lugar. Antevisto como necessário, uma vez que esse espontâneo proceder de conservação não tem garantias: a vida fica a cada dia mais difícil na paisagem do lugar, pois o progresso apresenta a sua elevada conta. Não somente por meio da imposição de regras para conservar a água que não tem perto de si, mas igualmente por ações – de desenvolvimento – com lógicas muito distintas das práticas da população local, que podem ameaçar significativamente a sua continuidade no lugar e, dessa forma, também, a paisagem que se quer conservar. Observa-se que não foram os agricultores que derrubaram a floresta com araucárias em passado recente, nem tampouco são eles que majoritariamente destroem o campo nativo. Pondera-se, alternativamente, que em ciclos maiores, talvez sejam eles, isso sim, os principais responsáveis pela conservação (também ambiental) desta paisagem.

**Figura 2: Em Vila Seca, grupo de festeiros convida para a Festa do Divino Espírito Santo.**



**Figura 3: A bandeira do Divino abençoa toda a casa no interior de Criúva.**



**Figura 4: Agua benta também para a criação animal no distrito vizinho do Juá.**





**Figura 5: Festeiros do Divino Espírito Santo com autoridades municipais de Caxias do Sul.**

### **Bibliografia**

- Behling, H. et al. “Dinâmica dos campos no sul do Brasil durante o Quaternário Tardio”. In: PILLAR, V. D. P.; MÜLLER, S. C., *et al* (Org.). *Campos Sulinos*. Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009.
- Berque, A. “A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. Para uma problemática do mundo ambiente”. In: SERRÃO, A. V. (Org.). *Filosofia da Paisagem*. Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011a.
- \_\_\_\_\_. “O Pensamento Paisageiro”. In: SERRÃO, A. V. (Org.). *A Filosofia da Paisagem*. Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011b.
- Boldrini, I. I. (Org.). *Biodiversidade dos campos do planalto das araucárias*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009.
- Brandão, C. R. “Tempos e Espaços nos Mundos Rurais do Brasil”. *RURIS*, v. 1, n. 1, p. 37-64, 2007.
- Brandenburg, A. “Do rural tradicional ao rural socioambiental”. *Ambiente & Sociedade*, v. 13, n. 2, p. 417-428, 2010.
- Candido, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 10ª edição. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2003.
- Carneiro, M. J. “Ruralidade: novas identidades em construção”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 11, p. 53-75, 1998.
- Caxias do Sul, RS. *Plano Diretor Municipal*. Mapa Anexo 2. Município Urbano e Rural. Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/\\_uploads/planejamento/plano\\_diretor\\_anexo\\_2.pdf](http://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/planejamento/plano_diretor_anexo_2.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- Corrêa, D.; LIMA, G. T. “O sucesso de empresas brasileiras na internacionalização produtiva: as experiências da Marcopolo e do Grupo Gerdau”. *Boletim Informações Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas*, n. 321, p. 24-30, São Paulo, 2007.
- Delyser, D. “Authenticity on the ground: engaging the past in a California ghost town”. *Annals of the Association of American Geographers*, v.89, n.4 p. 602-632, 1999.
- Diretoria do Serviço Geográfico Brasileiro. (DSG). *Folhas SH. 22-X-C-I-1 de Oliva, SH. 22-V-D-III-2 de Caxias do Sul, SH. 22-X-A-IV-3 de Criúva e SH. 22-V-B-VI-4 de São Marcos*. escala 1:50.000. Rio de Janeiro: Diretoria do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro. 1980.

- Escobar, A. “O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?” In: LANDER, E. O. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais*. Perspectiva latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p.133-138. (Colección Sur Sur).
- Favareto, A. S. “Paradigmas do desenvolvimento rural em questão - do agrário ao territorial”. 2006. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Geoeye-1. *Imagens com resolução espacial de 0,50 x 0,50 metros, resolução temporal de 3 (três) dias*. Caxias do Sul: Prefeitura Municipal. 2011.
- Guido, A. *Pedro Weingärtner*. Rio Grande do Sul: Diretoria de Artes da Divisão de Cultura. Secretaria de Educação e Cultura, 1956.
- Hasenack, h.; weber, E. *Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000*. DVD. Série Geoprocessamento, 3. Porto Alegre: UFRGS-IB-Centro de Ecologia, 2010.
- Hess, C.; OSTROM, E. “Introduction: An Overview of the Knowledge Commons”. In: HESS, C. e OSTROM, E. (Org.). *Understanding Knowledge as a Commons*. From Theory to Practice. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2007. p. 3-26.
- Instituto brasileiro de geografia e estatística, (IBGE). “Censo Demográfico. Tabela 1301: Área e Densidade demográfica da unidade territorial.” *Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA*, 2010a. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1301&z=t&o=4&i=P>>. Acesso em: 21 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. “Censo Demográfico. Tabela 1378. População residente, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo a condição no domicílio e compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio.” *Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA*, 2010b. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1378&z=cd&o=7&i=P>>. Acesso em: 21 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. “Distritos, limites municipais e manchas urbanas para o Rio Grande do Sul”. *Mapas*, 2010c. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas/malhas-digitais>>. Acesso em: 20 jun. 2013.
- Kayser, B. *La renaissance rurale*. Sociologie des campagnes du monde occidental. Paris: Armand Colin, 1990.
- Leite, M. A. F. P. “A Contribuição da Arquitetura Paisagística para a Discussão da Paisagem Cultural”. 2. Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte: não publicado. *Texto recebido mediante contato pessoal*, 2012.
- Maderuelo, J. “Prólogo”. In: MADERUELO, J. (Org.). *El pensamiento paisajero*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.
- Massey, D. “Um sentido global do lugar”. In: (Org.). *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p.177-185.
- Mathieu, N.; JOLLIVET, M. *Du rural à l'environnement*. La question de la nature aujourd'hui. Paris: ARF/L'Harmattan, 1989.
- Mazoyer, M.; ROUDART, L. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP. Brasília: NEAD, 2010.
- Mendras, H. *Sociétés paysannes*. Paris: 1976.
- Miguel, L. A. *Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- Mitchell, D. “The lure of the local: landscape studies at the end of a troubled century”. *Progress in Human Geography*, v.25, n.2, p. 269–281, 2001.
- Müzell, E. “Planta da Fazenda das Palmeiras nos Ilhêos”. *Auto de Medição nº 1534 da Lei de 1850*, de Serafim José Gonçalves, de São Francisco de Paula de Cima da Serra: Governo do Estado do Rio Grande do Sul - Instituto Gaúcho de Reforma Agrária: Documento original arquivado no Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul. Registro fotográfico em alta definição, feito por Jane Gonçalves e Cylene Dalegrave, no ano de 2013, 1871.
- Oliveira, R. C. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP: 2006.
- Rambo, B. *A fisionomia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach 1956.
- Ribeiro, C. “A paisagem e a ruralidade nos distritos de Vila Seca e Criúva: Caxias do Sul, RS, Brasil”. 2014. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ribeiro, E. M.; GALIZONI, F. M. “Água, população rural e políticas de gestão: o caso do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais”. *Ambiente & Sociedade*, v. 6, 2003.

Santos, M. *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: Edusp, 2012.

Schattan, V. P. C. et al. « As regras do jogo e o jogo das regras - movimentos sociais, governança ambiental e desenvolvimento territorial no Vale do Ribeira (Brasil) ». 2005. Disponível em: <<http://www.rimisp.org/proyectos>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

Schlick, F. E. “Alternativas de Manejo Para os Campos de Cima da Serra”. 2004. Tese de Doutorado. Faculdade de Agronomia. Programa de Pós-graduação em Zootecnia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Serrão, A. V. “Georg Simmel”. In: SERRÃO, A. V. (Org.). *Filosofia da Paisagem*. Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

Simmel, G. “Filosofia da Paisagem”. In: SERRÃO, A. V. (Org.). *Filosofia da Paisagem*. Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

Wanderley, M. N. B. “A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 15, p. 87-145, 2000a.

\_\_\_\_\_. “A valorização da agricultura familiar e a reinvidicação da ruralidade no Brasil”. *Desenvolvimento e Meio Ambiente: UFPR*, v. 2, 2000b.

\_\_\_\_\_. “A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural”. In: GIARRACCA, N. (Org.). *¿Una nueva ruralidad en América Latina?*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001

Zardin patias, T. et al. “O Arranjo Produtivo Local Metalmeccânico Automotivo da Serra Gaúcha como um Sistema de Inovação”. *Revista de Administração da Unimep*. Piracicaba, v. 8, n.1, 2009.

---

## Notas

1 Conduzida com o suporte de bolsa de pesquisa da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

2 Nas citações literais, oriundas da obra de Serrão (2011), inclusive Simmel (2011), Berque (2011a; 2011b), são feitas, quando necessárias, adaptações à ortografia brasileira, uma vez que, no original (livro editado em Lisboa), encontram-se muitas palavras com grafia particular lusa.

3 Ecúmena, mediância e trajeção são termos particulares do desenvolvimento teórico-conceitual berquiano, neste trabalho integralmente respeitadas. A tradução para português adota a versão contida em Serrão (2011).

4 As imagens do satélite Geo-Eye, do ano de 2011, foram disponibilizadas pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul para uso nessa pesquisa acadêmica e suas publicações correlatas. Os procedimentos adotados para a realização da cartografia de uso do solo, realizado pela engenheira florestal Silvia Aurélio, sob orientação de Claudia Ribeiro, encontram-se em Ribeiro, C. (2014).

---

## Para citar este artigo

### Referência eletrônica

Claudia Ribeiro, Marlise Amália Reinehr Dal Forno e Lovois de Andrade Miguel, « A paisagem na ruralidade brasileira: considerações teórico-metodológicas para uma pesquisa multidisciplinar aplicada », *Confins* [Online], 23 | 2015, posto online no dia 03 Março 2015, consultado o 20 Março 2015. URL : <http://confins.revues.org/9998> ; DOI : 10.4000/confins.9998

---

## Autores

### **Claudia Ribeiro**

Mestre e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS), [claudia.ribeiro@ufrgs.br](mailto:claudia.ribeiro@ufrgs.br)

### **Marlise Amália Reinehr Dal Forno**

Professora Doutora do PGDR/UFRGS, [marlise.forno@ufrgs.br](mailto:marlise.forno@ufrgs.br)

### **Lovois de Andrade Miguel**

Professor Doutor do PGDR/UFRGS, [lovois@ufrgs.br](mailto:lovois@ufrgs.br)



## ***Direitos de autor***

© Confins

---

### ***Resumos***

A paisagem é uma das possíveis categorias de pensamento a ser empregada como via de entendimento da complexa e multifacetada ruralidade brasileira contemporânea. Este artigo expõe e discute os principais conceitos e métodos adotados em pesquisa multidisciplinar compreendida neste recorte. A questão norteadora é se a paisagem - enquanto um processo dinâmico e conectado às atividades agrárias - seria reconhecida por esta população rural. Adicionalmente, procura-se saber se essa paisagem poderia também ser entendida como um bem de uso comum no lugar. Vila Seca e Criúva constituem a área empírica de estudo, distritos rurais de Caxias do Sul, cidade localizada no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil. Situações de conflito socioambiental entre as atividades agrícolas familiares e as práticas urbanas motivam esta pesquisa. Os resultados são sucintamente anunciados, frutos de uma abordagem etnográfica com observação participante. O trabalho de campo acompanhou o ciclo da Festa do Divino Espírito Santo, com categorias de atenção definidas pelo estudo dos sistemas agrários e a utilização de critérios empíricos para a detecção da noção de paisagem.

### **Le paysage dans la ruralité brésilienne : considérations de théorie et méthode pour une recherche multidisciplinaire appliquée**

Le paysage est une catégorie de la pensée que l'on peut utiliser dans la compréhension de la ruralité brésilienne complexe et multiple. L'article expose et discute les concepts et méthodes principaux adoptés par la recherche multidisciplinaire concernant ces deux sujets. La question directrice est de savoir si le paysage - comme processus dynamique et relié aux activités agricoles - pourrait être reconnu, par cette population rurale, comme un bien commun du lieu. Vila Seca et Criúva constituent l'espace empirique de la recherche. Ces petites villes sont des districts ruraux de la ville de Caxias do Sul, situé à l'extrême sud du Brésil, dans l'état du Rio Grande do Sul. Les conflits socio-environnementaux entre les activités agricoles familiales et les pratiques urbaines motivent la recherche, dont les résultats sont brièvement présentés. Une approche ethnographique avec observation participante a été faite. Le travail de terrain a suivi le cycle de la fête du Saint-Esprit, avec les catégories d'attention définies par l'étude des systèmes agraires et de critères empiriques utilisés pour la détection de la notion de paysage.

### **Landscape into Brazilian rurality: theoretical and methodological considerations for an applied multidisciplinary research**

Landscape is one of the useful thought categories to improve reflections about complex and multifold actual Brazilian rurality. The paper shows and discusses main concepts and methods assumed by multidisciplinary research that deals with both themes. The main question is whether the landscape - as a dynamic process linked to agricultural activities - could be recognized by this rural population, also as common good in the place. Vila Seca and Criúva, rural districts of the town of Caxias do Sul, at Rio Grande do Sul, Brazilian southernmost state, were empirically picked as the study area. Socio-environmental conflicts events between family farming activities and urban practices motivate this research. Its results are briefly presented, coming from an ethnographic approach with participant observation. Fieldwork was done at celebrations cycle of the Holy Spirit, with attention categories defined by study of agrarian systems, in addition to empirical criteria used for detection of the landscape notion.

### ***Entradas no índice***

***Index de mots-clés*** : socioenvironnementalisme, conservation, systèmes agraires

***Index by keywords*** : socio-environmentalism, conservation, farming systems

***Índice geográfico*** : Brasil, Rio Grande do Sul, Campos de Cima da Serra, Caxias do Sul

***Índice de palavras-chaves*** : socioambientalismo, conservação, sistemas agrários